

## Rumo a uma *epistemologia das quebradas*? ativismos culturais para além da resistência

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i22.51098>

**Bruna Pegna Hercog<sup>1</sup>**

**Carlos Bonfim<sup>2</sup>**

**Natureza Acácio França<sup>3</sup>**

**Verena Vieira<sup>4</sup>**

**Resumo:** Buscamos neste texto apresentar, por um lado, resultados parciais de um mapeamento realizado junto a coletivos de jovens de bairros periféricos de Salvador, Bahia, que atuam com arte e comunicação. Por outro, procuramos esboçar algumas considerações a respeito do que vem se tecendo nas quebradas, estes nossos outros centros. Destacamos de saída uma opção: as vozes e timbres se misturam e se confundem neste texto; se alternam à maneira de um sarau e dão conta de um eu que é nós, de um nós que é somos e estamos. E seguimos.

**Palavras-chave:** Periferias, ofensivas culturais, emancipação.

### ¿Hacia una “*epistemología de las quebradas*”? activismos culturales más allá de la resistencia

**Resumen:** Buscamos en este texto presentar, por un lado, resultados parciales de un mapeo realizado con colectivos de jóvenes de barrios periféricos de Salvador, Bahía, que trabajan con el arte y la comunicación. Por otro lado, intentamos esbozar algunas consideraciones sobre lo que se está tejiendo en las barriadas, estos otros centros nuestros. Destacamos una opción: las voces y los timbres se mezclan y se confunden en este texto; se alternan a la manera de un *sarau* (una tertulia) y dan cuenta de un yo que es nosotros, de un nosotros que es somos. Y seguimos.

**Palabras clave:** Periferias, ofensivas culturales, emancipación.

<sup>1</sup> **Bruna Pegna Hercog.** Doutoranda em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia/UFBA, Brasil. E-mail: [bhercog@gmail.com](mailto:bhercog@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-0215-4025>

<sup>2</sup> **Carlos Bonfim.** Doutor em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo/USP. Professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia/UFBA, Brasil. E-mail: [latitudea@gmail.com](mailto:latitudea@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-0073-3875>

<sup>3</sup> **Natureza Acácio França.** – Mestra em Dança pela Universidade Federal da Bahia/UFBA, Brasil. E-mail: [naturezartesporte@gmail.com](mailto:naturezartesporte@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-3053-0200>

<sup>4</sup> **Verena Vieira.** Estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade Federal da Bahia/UFBA, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3986-6114> E-mail: [vieiraverena@yahoo.com.br](mailto:vieiraverena@yahoo.com.br)

Recebido em 07/08/2021, aceito para publicação em 25/01/2022 e disponibilizado online em 01/03/2022.

## Toward an epistemology of the “quebradas”? cultural activisms beyond resistance

**Abstract:** This text aims to present, on the one hand, partial results of a mapping carried out with youth collectives from peripheral neighborhoods in Salvador, Bahia, that work with art and communication. On the other hand, we try to outline some considerations about what is being woven in the “quebradas”, these other centers of ours. We highlight an option: the voices and timbres mix and mingle in this text; they alternate in the manner of a sarau [a poetry slam] and give an account to fan “I” that is actually an “us”.

**Keywords:** Peripheries, cultural offensives, emancipation.

## Rumo a uma *epistemologia das quebradas?* ativismos culturais para além da resistência

### “Nossos passos vêm de longe”<sup>5</sup>

Ambrósio, Bateeiro, Quariterá, Curukango, Catucá, Osenga, Dambraganga e um longo etcétera... Nomes pouco conhecidos, histórias silenciadas. Histórias... esquecidas? De modo algum. Espalhados por todo o país, estes e tantos outros mocambos/quilombos não costumam figurar nem nos manuais didáticos que nos alfabetizaram, nem nas “histórias oficiais” que nos contaram e que nos contamos. Nessas versões truncadas, apenas breves (e muitas vezes superficiais e estereotipadas) referências a Palmares e a uma ou outra liderança.

A história dos povos africanos que foram trazidos como escravos ao

Brasil ao longo de quase quatrocentos anos é predominantemente contada a partir de omissões e da produção de estigmas diversos, quando não de estereótipos a respeito daqueles povos. Não apenas as narrativas, mas também as imagens produzidas ao longo do século XIX, particularmente, corroboram a produção de registros que tinham pouco de documental e muito de constituição de uma “política de anonimato e de invisibilidade” (SCHWARCZ; GOMES, 2018, s/p). Ou seja, tal como apontam estes autores, “na imensa maioria das vezes não sabemos (ou não nos é dado conhecer) a identidade dos “modelos”; trata-se somente, na visão desses artistas, de escravos em suas funções” (SCHWARCZ; GOMES, 2018s/p). E mais: eram “escravos” ou “africanos”,

<sup>5</sup>Jurema Werneck (2010, p. 76).

não ashanti, mina, fon, hauçá, benguela, rebolo ou bakongo, por exemplo. Em artigo publicado no site da Fundação Cultural Palmares, Daiane Souza apresenta dados de um censo realizado em 1872 no Brasil. Tal censo, diz ela,

aponta o total da população de estrangeiros no Brasil: 382.132. Separa os brancos por origem. São 125.876 portugueses, 40.056 alemães e 8.222 italianos, entre outras nacionalidades. Os negros eram considerados todos do mesmo grupo: africanos. Segundo o documento eram 176.057 africanos vivendo no país, porém, divididos apenas entre escravos (138.358) e alforriados (37.699)" (SOUZA, 2013, s/p.).

Neste mesmo sentido, imagens produzidas por artistas como Johann Moritz Rugendas e Jean-Baptiste Debret (que são fundamentalmente as reproduzidas nos livros didáticos), por exemplo, dão conta de um olhar que, por um lado, traz corpos "representados em estilo clássico, os traços suavizados e europeizados (e nos quais) [...] a situação dos escravizados é amenizada: o trabalho é mostrado como atividade quase lúdica em pranchas como *Preparação da Raiz de Mandioca* e *Colheita de*

*Café*" (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, *online*, s.d.). Por outro lado, adverte-se também uma representação dos escravizados apenas e tão somente a partir das diferentes formas de violência intrínsecas ao sistema escravocrata, além, é claro, de eventuais referências a algumas poucas das muitas e tantas insurgências, que eram muito mais recorrentes do que se costuma contar nos manuais didáticos. São, do mesmo modo, escassas, episódicas, as referências a artistas, intelectuais, lideranças de origem africana.

Falamos, portanto, de uma história feita de apagamentos, de omissões, de produção de ausências. E falamos também do início de um processo que o colombiano Adolfo Albán Achinte, referindo-se a dinâmicas similares em seu país, chamou de "visibilidade negativa" (ALBÁN ACHINTE, 2006, p. 60). Isto é, para além da produção de silenciamentos, houve, do mesmo modo, um processo no qual aspectos socioculturais, econômicos e políticos dos povos escravizados foram sistematicamente deturpados e convertidos em estereótipos e em estigmas. Trata-se, neste sentido, de

uma história que parece dar boas pistas de como foi se constituindo no país o “racismo estrutural” tal como discutido por Silvio Almeida (ALMEIDA, 2019).

Assim, quando hoje lemos os informes publicados no Atlas e no Mapa da Violência e no Anuário Brasileiro de Segurança Pública<sup>6</sup>, quando acessamos as notícias cotidianas que circulam sobre as periferias e sobre as pessoas que ali habitam, quando consultamos nossas ilustradas agendas culturais, é possível advertir muitas continuidades com aquele nefasto sistema. Mas é possível, por outro lado – e aqui está um dos propósitos centrais deste escrito – advertir também continuidades outras; continuidades que contrastam com políticas de silenciamento, com processos de produção de estigmas, que se insurgem contra a desmemória, contra as tentativas de apagamento. Daí nossa opção por reiterar, com Jurema Werneck, que “nossos passos vêm de

longe.” Mesmo. Afinal, nós também canto-bailamos o necessário lembrete (que é também mantra) de Emicida: “sempre foi quebra de corrente”<sup>7</sup>. Porque falamos aqui de uma memória longa de resistências, de uma vasta aprendizagem sobre modos de organização para as nossas lutas todas de hoje. Porque, como nos recorda o historiador João José Reis, “onde houve escravidão, houve resistência. E de vários tipos” (REIS, 1996, p. 47). E é desses “vários tipos” de resistência que trataremos neste escrito. Sobretudo porque interessa sublinhar o que há de potências tecendo-se hoje nas ações desenvolvidas pelos coletivos que integram uma inspiradora rede que já deixou clara sua disposição para combater crônicos e perversos apagamentos como os que mencionamos na abertura deste escrito.

Neste sentido, mais do que resistências – que, seguem sendo, evidentemente, fundamentais e urgentes, embora tragam ainda algum elemento de caráter mais reativo –

<sup>6</sup> Links para as versões mais recentes do Atlas da Violência: <https://ipea.gov.br/atlasviolencia/>; Mapa da Violência: <https://forumseguranca.org.br/atlas-da-violencia/> e Anuário Brasileiro de Segurança Pública: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>

<sup>7</sup> Emicida. “Yazuke (Bendito, Louvado seja)”. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=kvAWTrLUUp0k](http://www.youtube.com/watch?v=kvAWTrLUUp0k)

optamos por falar sobretudo do que poderia ser caracterizado como uma série vigorosa de *ofensivas culturais emancipadoras*. Buscamos enfatizar uma abordagem mais propositiva, que contribua de alguma maneira para a disseminação do que vem sendo gerado por coletivos nascidos nas periferias das nossas cidades - estes nossos outros centros. E o fazemos atentas tanto ao que hoje se gesta nas *quebradas*<sup>8</sup> quanto ao legado inspirador que nutre diversos destes coletivos com os quais trabalhamos.

Assim, acolhemos, por exemplo, contribuições como as de Abdias Nascimento, que com a noção de quilombismo nos traz fecundas possibilidades para reconhecer no trabalho que vem sendo realizado pelos coletivos que abordamos aqui, mais que inspiradores subsídios para seguir. Uma “consciência de luta político-social”, uma “ideia-força”, o quilombismo, tal como pensado por Nascimento, seria uma “energia que inspira modelos de organização

dinâmica desde o século XV” (NASCIMENTO, 2009, p. 203).

Pois bem, se uma das táticas mais recorrentes nas lutas de resistência dos povos escravizados consistia na fuga e na constituição de territórios relativamente autônomos a partir de onde resistir (falamos aqui concretamente da conformação de mocambos/quilombos), caberia apontar também algumas formas outras de insurgência. E neste sentido, vale retomar João José Reis, que diz que, entre as diversas maneiras de negociar e de batalhar por espaços de autonomia, havia - além de fugas e de suicídios - expedientes diversos: “o escravo [...] fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual e coletivamente” (REIS, 1996, p. 47). Formas de insurgência praticadas no micro, nas rotinas corriqueiras da roça, do garimpo, dos engenhos, da cozinha, enfim, nas frestas do cotidiano.

No que se refere especificamente às táticas às quais recorriam mulheres escravizadas que atuavam nas Casas Grandes, Ochy Curiel destaca as chamadas

---

<sup>8</sup> O termo “quebrada” é muito utilizado por moradores/as das regiões consideradas periféricas de Salvador para identificar os seus territórios com orgulho e pertencimento.

“operações tartaruga”, que incluíam “desperdício de produtos domésticos [e] abortos auto induzidos para evitar que seus filhos e filhas fossem escravizados” (CURIEL, 2007, p. 16). A táticas como estas, Celsa Albert denominou “cimarronaje doméstico”<sup>9</sup> (*apud* CURIEL, 2007, p. 16), uma categoria que dá conta de formas cotidianas de insurgência mais sutis, mas não menos relevantes no que se refere às diferentes formas de fazer frente às opressões próprias dos poderes instituídos.

E é também dessa esfera cotidiana do micro que fala Lélia Gonzáles ao abordar o papel da mãe preta. Ora, se a sinhá, a “chamada legítima esposa [...] só serve pra parir os filhos do senhor”, a maternidade propriamente dita será então exercida pela negra. Por isso, segue Lélia, a mãe preta é a mãe (GONZÁLES,

1984, p. 235). E será ela quem “vai dar a rasteira na raça dominante”: “Ela passa pra gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem<sup>10</sup> (GONZÁLES, 1984, p. 236). E com a linguagem, sabemos, vêm a “internalização de valores [...] e uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente” (GONZÁLES, 1984, p. 236).

Ou seja, falamos aqui de algumas das tantas formas de organização da insurgência, falamos do que pode a astúcia dos “ninguéns”, falamos dos “gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, [da] arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades das manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos”, falamos, enfim, de *táticas*: sutis, sagazes movimentos “dentro do campo de visão do inimigo [...] e no espaço por ele controlado” (CERTEAU, 1998, p. 100-104).

Em suma, ao mobilizarmos aqui uma noção como a de quilombismo,

---

<sup>9</sup>Empregado desde o século XVI para se referir a tudo que fosse silvestre ou selvagem, o termo *cimarrón* passou a ser utilizado em diversos países latino-americanos para se referir – pejorativamente - a escravizados fugitivos. Maroon, jíbaro são outros dos termos empregados com sentido similar. *Cimarronaje*, portanto, diz respeito a práticas relacionadas aos *cimarrones*. De modo similar, o que no Brasil chamamos quilombos tem seus equivalentes nos países vizinhos e entre os termos empregados para se referir a eles estão: palenques, cumbes etc.

---

<sup>10</sup>Vale sublinhar que Lélia Gonzáles está se referindo, entre outras coisas, ao “pretuguês”, que, em nosso entendimento, vem a ser, do mesmo modo, uma forma outra de insurgência.

temos presente que se trata de um modo de entender

formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitavam sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente, todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da comunidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês [*sic*], escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos (NASCIMENTO, 2009, p. 203).

Assim, tomamos como eixo de nossas reflexões o que vem se tecendo junto a estes “genuínos focos de resistência física e cultural” que são os quilombos urbanos contemporâneos: os saraus, os coletivos que canto-bailam-batalham, que constroem possíveis sins ante

crônicos não e que no processo dão conta de inspiradores “modelos de organização dinâmica”, para retomar os termos de Abdias Nascimento. E destacamos particularmente modos de organização que, pela via das artes em especial, corroboram a rima certa do poeta baiano Giovane Sobrevivente<sup>11</sup>: “a poesia precisa chegar antes da bala”.

Antes de seguir, no entanto, importa contar também quem somos as vozes e as sensibilidades que juntas tecem este texto –que, por sua vez, ecoa as diversas outras vozes e sensibilidades com quem caminhamos. O convite é para que enxerguemos este texto como uma teia, que vai sendo tecida à medida que escolhemos nossas fitas coloridas, entramos e caminhamos por ela, com nossos corpos, trajetórias, vivências, memórias. Nesta teia, nunca estamos sós. As vozes e sensibilidades com quem caminhamos estão presentes nos nós que se formam com os caminhos trilhados, representados pelas fitas coloridas. Também nunca estamos estáticos. A teia é movente. E não tem fim. É um exercício

<sup>11</sup>[https://www.instagram.com/giovane\\_sobrevivente/](https://www.instagram.com/giovane_sobrevivente/)

metodológico para, como sugere Luiz Rufino,

praticar Exu e suas encruzilhadas que miram a transformação radical, impulsionando-nos para horizontes pluriépistêmicos e para a prática de ações comprometidas com o combate às injustiças cognitivas/sociais (LOPES; FACINA; SILVA, *apud* RUFINO, 2019, p. 115).

Te convidamos, portanto, a entrar nesta teia conosco. Escolha a cor da tua fita e se lance numa leitura engajada e voltada para enxergar as potências das quebradas.

### **Nós, pontos, tramas (e agendas)**

Meu nome é Natureza França, trago na mão uma fita de chita, colorida como a minha saia. Sou sambadeira, natural de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia. Cresci à beira da Baía de Todos os Santos, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, solta, brincando na rua, subindo na mangueira do quintal, tomando banho e catando marisco na maré.

Na juventude não tive grandes questionamentos, não fui educada para entender sobre mim ou refletir sobre o contexto sociocultural ao qual pertencia. Aos 19 anos eu dei à luz meu filho e guardei num cantinho

escuro um tanto de sonhos, dentre deles, o ensino superior, que eu consegui iniciar sete anos depois. Hoje eu sou também Bacharela Interdisciplinar em Artes, Mestra em Dança e estudante de Pedagogia pela UFBA. Estrategicamente, vivo em trânsito entre a academia e a periferia. Sou mulher suburbana, artista e educadora gestora e produtora cultural. Aprendi a pescar soluções na maré das adversidades e que em todas as rodas da vida tem o que se aprender e o que se ensinar.

Desde 2004, em Tubarão, a educação e a arte colorem de alegria e esperança os meus dias. Das heranças do Recôncavo e do envolvimento orgânico com a educação, nasce em 2013 o grupo A Corda Samba de Roda (que encerrou as atividades em 2020). Através do samba que segue firme e forte por aqui, nós fortalecemos tradições que estavam quase desaparecendo, como as caretas e o Boi Estrela de Tubarão. O samba de roda é a expressão mais presente nas datas festivas do calendário tradicional da comunidade. Através dele aprendemos e ensinamos sobre história, arte, patrimônio, memória, trabalho coletivo, celebração

e outros insumos para colocar em prática as nossas *ofensivas culturais emancipadoras*.

Em 2015 fundamos o Quilombo A Corda que, em 2019 foi nomeado QUIAL Centro Cultural Quilombo Aldeia Tubarão. Atualmente o QUIAL sedia projetos como a Plataforma Multimídia Favela Revela, onde dez jovens de periferias de Salvador e Rio de Janeiro pesquisam, criam, produzem e promovem conteúdo de valorização das ações e potenciais das periferias em todo o Brasil.

Conhecer a minha história é uma responsabilidade que tenho para com a minha família e com minha comunidade. “A consciência adquirida a partir da compreensão do contexto vivido, compromete a escrita como lugar de autoafirmação de particularidades e especificidades do sujeito”, já disse a querida Conceição Evaristo (EVARISTO, 2007). Eu cresci em Tubarão e ao mesmo tempo longe de Tubarão, longe de histórias e tradições que eu desconhecia ou ignorava e que iam e vão chegando com o samba em meu corpo, surpreendendo, sincopando e transgredindo a cada roda nas tentativas de existir através do poder

gerado pelo conhecimento sobre mim mesma, sobre a própria história, resistir ao fazer, poder dançar e escrever em primeira pessoa.

Me chamo Verena Vieira e trago nas mãos a fita branca. Há alguns anos, passei a integrar a equipe de uma Organização Não Governamental que atua com comunidades em situação de vulnerabilidade social com foco na realização de projetos de infraestrutura. Identifico muitos pontos positivos no trabalho realizado por meio da parceria entre a organização e os(as) moradores(as) das regiões periféricas onde as atividades eram realizadas. Mas, a partir de determinado momento, a ausência de investimento em projetos artísticos começou a me inquietar. Sentia que poderíamos dialogar – e trabalhar – a partir de outras potencialidades locais, mas não o fazíamos, pois o foco sempre estava nas problemáticas concretas geradas pela pobreza. Saí da organização, mas a inquietação permaneceu e, atualmente, além de fazer parte de um coletivo de juventude anticapitalista, estou no espaço universitário enquanto estudante do Bacharelado

Interdisciplinar em Humanidades, em transição para o curso de Pedagogia.

E foi justamente dentro desse contexto – o acadêmico – que pude entrar em contato com o Rede ao Redor, que nos convida a conhecer as culturas e as narrativas dos sujeitos a partir de outras lentes e perspectivas. Ou melhor, a partir de suas próprias lentes, vozes e perspectivas. Mais do que isso, entendo que um chamado para a mediação é feito para que possamos transitar entre as diversidades e cruzar saberes para que, desse modo, possamos produzir impactos potentes em nosso entorno e agir valorizando as alteridades, mas também as singularidades que nos permeiam.

Os primeiros espaços que tive a oportunidade de frequentar através do Rede ao Redor foram as aulas do curso “A Periferia É O Centro: Ofensivas Culturais Emancipadoras”<sup>12</sup>. Nessa ocasião, pude viver na universidade a experiência de ouvir – e de dialogar com – representantes de

coletivos localizados não apenas em Salvador, mas também em outras cidades do Brasil e da Colômbia. Os temas eram variados: política, arte, educação, economia, comunicação etc. e serviram de estímulo para que eu buscasse me informar a partir de outras fontes. Não exclusivamente a partir das principais agências de notícias da minha cidade e do meu país, nem necessariamente através da bibliografia usualmente adotada dentro das universidades e que, em sua maioria, não possui um compromisso com a apresentação de histórias múltiplas. Afinal, as informações podem ser acessadas diretamente através das páginas dos coletivos, projetos, movimentos sociais e associações que ocupam determinadas territorialidades. Contudo, vale lembrar que essa é apenas uma via possível e que nas ruas, nos becos e nas vielas de nossas cidades há muitas respostas sendo produzidas.

Tendo isso em vista, as universidades precisam ser espaços de fomento à diversidade cultural. E para isto é fundamental incluir no debate aqueles conhecimentos que historicamente vêm sendo aniquilados.

<sup>12</sup> O Curso foi oferecido pelo Carlos Bonfim como componente curricular do Bacharelado Interdisciplinar de Humanidades da UFBA no primeiro semestre de 2020. Foi elaborado e ministrado em conjunto com uma série de artistas, ativistas culturais e educadores de Salvador.

Entretanto, vale ressaltar que não defendo aqui a substituição dos conhecimentos e, conseqüentemente, dos(as) autores(as) que predominam hoje – tanto no ambiente acadêmico quanto nos meios de comunicação – por aqueles que citei anteriormente, e sim que exista – de forma equitativa – espaço para essas outras narrativas em nossas formações. A expectativa é de que possamos ter histórias sendo contadas por outras vozes e por diferentes perspectivas, o que vale para a vida em ambientes como universidades e escolas, mas também para nossa vida em sociedade.

Cabe também questionar se as universidades conseguem dialogar com os diversos segmentos sociais que as rodeiam, já que não é incomum escutar relatos de pessoas que possuem uma visão negativa sobre essas instituições ou que simplesmente não percebem uma relação direta entre as suas vidas e aquilo que é produzido por esses espaços acadêmicos. Isso se deve, em parte, aos trabalhos e às pesquisas realizadas em campo que iniciam com a promessa de oferecer retorno ou continuidade aos participantes e que, no final, sequer

entregam o produto final às pessoas que disponibilizaram seu tempo e seus dados para a realização daquela atividade, estudo etc.

Nota-se, portanto, que os dados sobre as periferias interessam às universidades. Então por que será que, muitas vezes, o resultado acaba sendo o isolamento social dessas instituições? Trago essa provocação para que não caiamos na armadilha de nos fecharmos dentro dos muros das universidades sem que estejamos efetivamente em diálogo com a comunidade. É inegável que o conhecimento científico produzido nos ambientes acadêmicos pode beneficiar sujeitos e territórios e que, atualmente, percebe-se um novo perfil de estudantes universitários(as) – há a presença de mais negros(as) e favelados(as), por exemplo – mas o conhecimento científico não está apenas nas universidades e nem é o único modo de saber que é relevante. Além disso, não basta que as universidades estejam sendo compostas por um público mais plural se as epistemes valorizadas continuam sendo as mesmas.

Por isso, a proposta do Rede ao Redor me contempla: este é um

espaço para fortalecer as trocas entre universidade e comunidade, entre grupos e, finalmente, entre pessoas que se mobilizam pelas causas coletivas e que acreditam que podem se fortalecer em conjunto.

Aqui, Carlos Bonfim, entrando suave na trama com a fita vermelha (ou encarnada, se quisermos multiplicar um pouco mais os sentidos) para seguir a teia tecida por tantos *sentipensares*. Cria do Capão Redondo, periferia de São Paulo, trago comigo as memórias das histórias tecidas “da ponte pra cá”, na contundente e hoje clássica formulação dos Racionais. E nestas memórias estão amigos que ficaram pelo caminho, tragados pela máquina que cava as covas onde caem corpos há muito descartados. (Negro) drama que é também cotidiano em diversas outras latitudes deste país, deste continente que parece que padece *desmemórias*. Mas estão também na memória as muitas e tantas histórias de que estamos feitas/os, a longa história de insurgências, de aprendizagens coletivas sobre como lidar e o que fazer com a raiva digna de quem se reconhece sujeito de direitos. Assim, com a certeza de que

há mesmo muitas outras histórias sendo vividas-contadas, seguimos a trama contando um pouco do tanto que vem se tecendo nestes nossos outros centros – gestos que terminam sendo outro exemplo contundente daquilo que Raul Zibecchi (2018) chamou de “desbordes desde abajo”. E vamo arriba.

Peço licença para entrar nessa teia. Sou a Bruna Hercog. Tenho em mãos a fita azul, que me conecta à força das águas. Sou nascida e criada em Salvador. Bisneta, neta e filha de mulheres que – cada qual ao seu modo – subverteram os lugares pré-estabelecidos para as mulheres de suas épocas. Delas, herdei o espírito inquieto, a capacidade de sonhar e a coragem para me indignar com as injustiças sociais e agir para enfrentá-las.

Tive a grata oportunidade de me descobrir jovem, mulher, pesquisadora, jornalista no diálogo com crianças, jovens, adultos, anciãs, anciãos de Fazenda Coutos, Plataforma, Nordeste de Amaralina, Sussuarana, Cajazeiras, Uruguai e tantos outros centros de uma Salvador tão múltipla. Com elas e eles aprendi desde cedo que buscar por justiça

social em um país como o Brasil – constituído por estruturas racistas e patriarcais – pressupõe, obrigatoriamente, se comprometer com lutas antirracistas e feministas.

E, assim, sigo atuando em várias frentes, mas numa mesma tessitura. Especificamente na área acadêmica – arena de disputa que considero muito estratégica e necessária - desde 2017 estou dedicada ao processo de doutoramento<sup>13</sup>. Com o acompanhamento e parceria afetiva e comprometida de Carlos Bonfim e de forma enredada com muita gente me lancei ao desafio de pesquisar com (e não sobre) jovens que atuam em grupos culturais em regiões consideradas periféricas de Salvador e de Santiago de Cali, na Colômbia. O que move o estudo é fazer uma reflexão aprofundada sobre a contundência e a consistência das construções de conhecimento

---

<sup>13</sup> Até o momento, a tese está intitulada como "Epistemologias das Quebradas: um estudo com jovens ativistas em Salvador (BA), Brasil e Santiago de Cali (Valle del Cauca), Colômbia". É realizada no Programa de Pós Graduação em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia (Poscultura/UFBA), sob orientação dos professores Carlos Bonfim e Gisele Nussbaumer.

produzidas pelos coletivos culturais nessas "quebradas".

E foi trilhando esse caminho que nos cruzamos: eu, Carlos Bonfim, Verena Vieira e Natureza França. E nesse escrito, apostamos nos nós do nosso encontro, para refletirmos sobre o que vem se tecendo nos quilombos urbanos contemporâneos e quais são os "modelos de organização dinâmica" que se apresentam.

### **Rede ao Redor: uma cartografia em movimento**

Para nos acercarmos mais a esses quilombos urbanos que entendemos como produtores de potentes ofensivas culturais emancipadoras, nos lançamos ao desafio de ampliar e fortalecer uma rede com os coletivos e tecer intervenções de forma cada vez mais articulada. Assim, demos início em 2016, ao projeto *Rede ao Redor: cartografia de iniciativas em arte e comunicação nas periferias de Salvador*<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> O Rede ao Redor foi criado com o propósito de realizar um mapeamento de iniciativas em arte e comunicação idealizadas e lideradas por jovens das periferias de Salvador. Coordenado por Carlos Bonfim e Bruna Hercog, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC/UFBA), o Rede conta com uma

Sabe-se que as periferias de nossas cidades vivem dinâmicas que vão muito além do que habitualmente se difunde nos meios hegemônicos de comunicação. Sabe-se, do mesmo modo, que os bairros periféricos – e com eles seus habitantes – são tratados de modo recorrente a partir de clichês que perpetuam uma visão estigmatizadora da periferia. Se é verdade que nossos espaços urbanos – e neles de modo particular, as periferias - ostentam indicadores sociais que demandam especial atenção, também é verdade que na contramão do que cotidianamente se difunde sobre essas regiões, existem diversas iniciativas que vêm se constituindo como espaços privilegiados de formação de artistas, de cidadãos, de público e de produção de conhecimento.

O Rede ao Redor nasce e segue com esse objetivo. Difundir, conectar, ampliar, fortalecer esta rede que se tece entre muitas sensibilidades. Sabemos que o que conseguimos mapear até o momento certamente está muito aquém do que

---

equipe de pesquisadores composta por integrantes de coletivos culturais de Salvador, estudantes de graduação e de pós-graduação.

de fato existe de iniciativas espalhadas por esses nossos outros centros, mas já nos permite reiterar o quão potentes são estes territórios e o quão diversas são as *ofensivas culturais emancipadoras* construídas neles.

A partir do mapeamento inicial realizado em 2016 – e que está sendo atualizado agora em 2021<sup>15</sup> - foram identificadas 106 iniciativas, entre coletivos autônomos, pontos de cultura, associações, projetos e ONGs. Do total, 51 (47%) se definiram como coletivo autônomo. A maioria (83%) realiza ações voltadas para o público em geral, com enfoque nas populações dos bairros onde moram e/ou atuam seus integrantes.

Com relação às linguagens utilizadas, aparecem com maior frequência a poesia e a comunicação

---

<sup>15</sup> Em parceria com a ONG CIPÓ- Comunicação Interativa e de forma articulada com a pesquisa de doutorado de Bruna Hercog, voltamos a disponibilizar um formulário eletrônico para mapear as iniciativas em arte e comunicação nas periferias de Salvador e, assim, atualizar e ampliar o banco de dados que já temos. O processo segue em andamento. Até o dia 30 de julho de 2021, 52 coletivos haviam feito o cadastro. A grande parte não constava no primeiro levantamento, o que aponta para um aumento significativo de iniciativas mapeadas, bem como de uma maior abrangência territorial das ações. O cadastro pode ser feito por meio do link: <https://forms.gle/19iVujQCzrsbbm9G6>.

(audiovisual, cinema e fotografia). E também: capoeira, teatro de rua, dança, hip-hop, samba de roda, maracatu, circo, literatura e música. A maioria utiliza várias linguagens artísticas em sua atuação. Encontramos também iniciativas que atuam com ativismo político e outras que trabalham com a temática do empoderamento estético e utilizam a moda como linguagem para trabalhar o fortalecimento identitário de jovens negros e negras.

No que se refere à abrangência da atuação, 79 coletivos mapeados têm algum bairro ou região onde concentram suas ações que são as localidades onde moram seus integrantes. Os demais coletivos (27) têm atuação descentralizada, realizando atividades em praças, ônibus, redes digitais e espaços culturais em toda a cidade.

O bairro que concentrou maior número de iniciativas foi Sussuarana, em seguida, a região do Subúrbio Ferroviário e em terceiro lugar o bairro de São Caetano. O mapeamento também registrou iniciativas em: Cajazeiras, São Cristóvão, Itapuã, Cosme de Farias, Pituaçu, Itapuã, Liberdade, Nova Brasília, Tubarão,

Jardim Cruzeiro, Escada, Fazenda Grande do Retiro, Nordeste de Amaralina, Rio Vermelho, Mussurunga. Periperi, Mata Escura, Baixa do Fiscal, Calabar, Engenho Velho de Brotas, Barroquinha, Arenoso, Alto da Sereia, entre outros.

Sobre o perfil dos grupos, a maioria é formada por jovens e adultos autodeclarados negros e negras. Em muitos casos, os adultos começaram sua atuação ainda adolescente e/ou jovem. Observamos que, em geral, havia um equilíbrio de gênero entre as/os participantes.

As motivações dos/as jovens para criar uma iniciativa cultural ou se juntar a ela partem, em geral, de sentimentos semelhantes: descontentamento, desesperança, indignação. Para Castells (2017, p. 29), muitos destes processos de ação coletiva são enraizados na indignação, propelidos pelo entusiasmo e motivados pela esperança. Como apontam algumas falas das/dos nossas/os interlocutores/as:

*Criamos o JACA para estar com poesia (...) para a juventude comunicar seus erros, seus problemas, suas dores. Para a gente crescer junto e construir formas estratégicas para vencer.*

(Marcos Paulo Silva – Juventude Ativista de Cajazeiras, Salvador)

*O Levante nasce porque queríamos apresentar uma alternativa, apresentar que era possível a gente continuar em uma outra realidade que pudéssemos apresentar ao povo brasileiro que a gente poderia tomar as rédeas da nossa vida em nossas próprias mãos. (Júlia Hirsberg – Levante Popular da Juventude<sup>16</sup>)*

Muitos/as jovens com quem dialogamos localizam esta indignação na necessidade de criar e/ou se associar a movimentos, coletivos, grupos de arte e comunicação para enfrentar as marcas de estigmatização, decorrentes do racismo. Dizem também que quando o/a jovem negro/a começa a tomar consciência do racismo que marca e encarcera seu corpo, essa indignação vira vontade de “gritar”. E nos grupos que criam e/ou se associam, encontram um espaço de acolhimento para que esse grito seja coletivo.

*Comecei a fazer teatro com o Oloruns da Arte, de Danúbia Santos. O primeiro espetáculo que ela criou chamava: ‘Onde está o seu racismo?’, no qual ela trazia várias questões e eu comecei a me inteirar disso e sentir essa necessidade de ter*

*essa leitura mais próxima de mim, de coisas que falassem da minha realidade. E aí fomos fazendo, continuamos a fazer mobilizações, criamos um projeto chamado: ‘Perifa é arte: um olhar diferente’, já pensando na forma como as pessoas olhavam para a periferia [...] então um dos objetivos era [...] de saber em como a gente estava formando outros jovens para enfrentar o racismo, o machismo. (Sandro Sussuarana - Sarau da Onça<sup>17</sup>).*

*Aconteceu um evento chamado Encrespa Geral, promovido aqui em Salvador ou pela Elseve ou Loreal. Eles tinham convidado uma de nós para recitar. Uma foi marcando a outra. Nós fomos e tinha uma artista da Globo que fazia comerciais de cabelos cacheados. No fim, a gente odiou o evento porque os seguranças eram muito agressivos conosco [...]. A performance foi muito legal, mas rolaram alguns estresses com os seguranças [...] várias coisas nós observávamos: por exemplo essas coisas dos cosméticos com seus produtos para cabelos cacheados, quase lisos. Participar desse evento foi muito importante porque nós percebíamos essas coisas todas, e quando terminou a apresentação, a gente decidiu não parar mais [...]. A princípio seria um grupo para se formar politicamente, enquanto um grupo de jovens negras para instrumentalizar as mulheres também na questão da música [...] então eu chamei as meninas para aprender a tocar os instrumentos e foi nessa ideia que se iniciou o Coletivo ZeferinaS. Vamos nos juntar!*

<sup>16</sup><https://www.instagram.com/levantedajuventude/>

<sup>17</sup><https://www.instagram.com/saraudaonca/>

*Vamos nos apropriar dessas questões políticas e ideológicas e também nos instrumentos musicais!* (Mariana dos Santos de Souza – Coletivo ZeferinaS<sup>18</sup>).

Outro fator referente à motivação por criar os grupos é a busca pela sustentabilidade. Para muitos/as jovens, a arte e a comunicação são caminhos possíveis para a construção de uma carreira e para a inserção no mercado de trabalho de uma forma mais digna, sem precisar se submeter a atividades de natureza precária. Isto também reforça a motivação anterior que citamos: a de utilizar as ferramentas de comunicação e arte para enfrentar o racismo - uma vez que é o racismo que estrutura as relações socioeconômicas e estabelece os "pontos de chegada" para as pessoas brancas e as não-brancas: "para os negros, a produção cultural pode ser tomada como esteio para as maneiras de 'buscar a liberdade', em um contexto social que decidiu desumanizá-los, torná-los coisas" (SOUZA, 2011, p. 42). Não aceitar o lugar "pré-estabelecido", pode ser uma

forma de enfrentar o racismo estrutural:

*[...] em 2015, quando fui olhar minha carteira de trabalho - um livro chamado carteira de trabalho - só tinha: telemarketing, vendedora. Eu sabia que eu era uma potência, em termos de criatividade, de inteligência. Eu me enxergava como uma pessoa potente e aí quando eu me dei conta que aos 24 anos o que tinha na minha carteira era telemarketing e vendedora, e que essa era a oferta para a gente na época, tipo, se você vai hoje procurar emprego para uma pessoa que não é formada, uma pessoa negra, só é ofertado isso. É muito louco isso. Isso ocorre até se você é formado. Salvador é a cidade do desemprego, né? Essa oferta de emprego quando as pessoas se formam só é para pessoas brancas. Isso é uma coisa muito clara, ou escurecida, sei lá. Enfim, eu já estava cansada de depositar minha inteligência em outras empresas e aí Mai (outra integrante do coletivo) também já estava nessa, a gente já queria empreender.* (Lívia Suarez – Casa La Frida)

A organização dos grupos, de forma geral, se dá por meio de processos de autogestão, com tomadas de decisões coletivas, num modelo mais horizontalizado de distribuição de poder entre os/as integrantes dos grupos. A internet é

<sup>18</sup><https://www.instagram.com/coletivozeferinas/>

uma ferramenta muito utilizada para garantir o debate e facilitar a realização de ações coletivas. Por meio dela, são divulgadas as atividades e conteúdos produzidos pelos grupos e também articulados eventos como manifestações de rua, audiências públicas, campanhas de financiamento coletivo, entre outras.

Todas as iniciativas desenvolvem processos formativos, alguns mais sistemáticos (escolas comunitárias, formações continuadas etc.) e outros mais pontuais (oficinas, rodas de conversa, seminários etc.). Investir na formação de multiplicadores/as é prioridade de todas as iniciativas mapeadas.

Esse foco na formação de novos quadros pode ser um dos motivos pelos quais hoje seja possível advertir mais amplamente o aumento do número de coletivos juvenis autônomos. Há uma evidente intensificação do processo de ramificação das ações, uma trama que se tece via coletivos como, por exemplo, o Sarau da Onça, Juventude Ativista de Cajazeiras (JACA)<sup>19</sup> e o

Resistência Poética<sup>20</sup>, que foram inspirados no Sarau Bem Black, idealizado pelo poeta Nelson Maca<sup>21</sup>, que por sua vez se inspirou na Cooperifa<sup>22</sup>, de São Paulo. O Coletivo ZeferinaS já é uma “cria” do sarau do Jaca. E nesta dinâmica, vão se esboçando pedagogias, abordagens, leituras que dão conta de saberes, de táticas, de sensibilidades conectadas com uma memória ancestral. E os espaços, os territórios físicos e simbólicos em que atua esta juventude aquilombada são também lugares privilegiados de mobilização, de acolhimento, de pertencimento.

E, neste sentido, o próprio sarau é fecundo espaço pedagógico, como aponta o poema “Sarau é formação”, de Marteluz de Jesus<sup>23</sup>:

Sarau é formação  
Artística, Política e Identitária.  
Nos Saraus em que tenho ido, tenho  
sentido em mim  
Reafirmação...  
Artística, Política e Identitária.  
A Glória de ser Preto,  
O Orgulho de ser Favela.

<sup>19</sup><https://www.instagram.com/jacanoinsta/>

<sup>20</sup><https://www.instagram.com/resistenciapoetica/>

<sup>21</sup>[https://www.instagram.com/nelson\\_maca/](https://www.instagram.com/nelson_maca/)

<sup>22</sup>[https://cooperifa.com.br/?page\\_id=9](https://cooperifa.com.br/?page_id=9)

<sup>23</sup> Poema publicado no livro: O diferencial da favela: dos contos às poesias de quebrada. Sarau da Onça (org.). Vitória da Conquista: Editora Galinha Pulando, 2019.

Periferia sopra em  
mim os ventos da revolução.  
Do meu povo que transborda em uma  
juventude poetizada,  
Nas senhoras e senhores que nos  
ensinam a caminhar.  
O Sarau é  
expressão de quem quer viver diferente  
E na arte transcende sua mente.  
Saraus como os  
que conheci, me encham de Esperança.  
Somos tudo aquilo que a grande mídia  
não mostra.  
Somos Liberdade, Criatividade, Força,  
Inteligência  
Negritude em  
verso e prosa,  
Somos o que os Opressores não querem,  
Somos a voz consciente da nossa gente,  
Somos Luta Consistente que não  
pretende se calar.  
Vamos lacrar em  
todo lugar que chegar.

Encontramos também entre as iniciativas, quatro que funcionam como espaços culturais na comunidade: o JACA oferece no seu galpão-sede uma série de atividades para as crianças, adolescentes e jovens do bairro; o Acervo da Laje<sup>24</sup> é um espaço que abriga centenas de obras artísticas e históricas sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador e também oferece em sua casa-escola atividades educativas e culturais gratuitas; a Casa La Frida<sup>25</sup> é um espaço feminista que pensa soluções para a inclusão de

<sup>24</sup><https://www.acervodalaje.com.br/>

<sup>25</sup><https://www.lafridabike.com/>

mulheres negras e periféricas na mobilidade urbana a partir da bicicleta e a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru<sup>26</sup> é um espaço que foi ocupado e ressignificado por jovens do bairro do Arenoso e hoje abriga uma biblioteca e uma rádio comunitária.

Mas queremos nos deter ainda numa outra iniciativa com a qual temos estreitado diálogos e feito parilhas e parcerias diversas. E para ouvir-sentir de perto e com mais detalhes um tanto do muito que se tece em Tubarão (e além), trazemos novamente a voz de Natureza França, que com sua fita de chita retoma o fio desta prosa e nos conta algo do que se gesta nas comunidades que nasceram e abrigam mais este quilombo:

Eu vivo em Tubarão e é daqui que escrevo, onde teço os fios desta corda de sambas entrelaçada com a história do lugar através dos corpos que dançam movimentos de resistência para a manutenção das tradições locais. “Tubarão é pré-colonial”, disse o Professor José Eduardo Ferreira Santos em uma *live* realizada durante o mês de junho de 2020, na série *Subúrbio Ancestral*, a

<sup>26</sup>[https://www.instagram.com/bibliotecazeferina\\_beiru/](https://www.instagram.com/bibliotecazeferina_beiru/)

última atividade promovida pelo grupo A Corda Samba de Roda. Cofundador do Acervo da Laje, José Eduardo é inspiração para a juventude suburbana. A afirmação convicta do professor me chamou a atenção para a urgência de acessar a história das nossas comunidades de periferia, das resistências silenciadas e lutas distorcidas.

As expressões culturais, as atividades de lazer e todas mais que acontecem no território estão em cruzo constante com as dinâmicas sociais deste lugar. Não há como separar a vida e a celebração. Os corpos compõem o organismo da comunidade e suas práticas são os movimentos que fazem acontecer a dinâmica local. Todos são movimentos das relações humanas que tecem o organismo de Tubarão e cada movimento é referência para o desenvolvimento de uma compreensão mais substancial sobre o território e sobre os sujeitos que nele vivem.

Ao transitar entre a academia e a periferia busco garantir espaços para as nossas narrativas expressas em fala, canto, dança e tradições enraizadas na memória do território e de nossas ancestrais. Afinal, aqui não

somos começo e nem fim, somos a continuidade. Por isso a gente conta a própria história e vai preenchendo os vãos vazios das nossas memórias individuais e coletivas. E assim, nestes movimentos, tece-se essa teia que enlaça histórias que nos devemos e histórias que nos constituem e que protagonizamos.

### **Rumo a uma *epistemologia das quebradas*? ativismos culturais para além da resistência**

Mas o que apontam os nós dessa teia, dessa rede repleta de potência? Que criativos cruzos tramam as fitas que tecem essa teia? Acreditamos que esses quilombos urbanos se configuram - mais que espaços de resistência, que também o são, evidentemente - sobretudo como ofensivas culturais que, em sintonia com uma memória longa de dignas insurgências, vêm buscando, criando, dando forma a vias possíveis por onde seguir. E no percurso, além de cura, de reconstituição de laços comunitários, de acolhimento, de partilhas, adverte-se um processo a partir do qual categorias e abordagens são postas em xeque.

Essas ofensivas constroem intelectualidades tecidas na luta e sustentadas por ela, como nos diz Nilma Lino Gomes (2017). Intelectualidades que se constroem a partir do desenvolvimento de uma capacidade de leitura de si próprio/a como agente de transformação, para que possam atuar como catalizadores/as deste processo junto aos seus pares, construindo, ativando e se retroalimentando de “subjetividades desestabilizadoras” (GOMES, 2017, p. 129). Ora, não seria similar ao que o poeta Carlos Meneses chama de “virar o jogo”?

E antes que o jogo acabe, ainda vou salvar meus irmãos! Tirar os manos da função, levar no sarau. Se precisar, vou ensinar improvisação! Livrá-los dos cadeados mentais e virar o jogo<sup>27</sup>

Quando as juventudes à frente de coletivos de comunicação, teatro, música, poesia, audiovisual etc. assumem-se como produtoras de intelectualidades que vão na contramão daquelas às quais tiveram acesso nas instâncias de sociabilidade

que forjam suas identidades, há uma intencionalidade de disputa. E são os marcadores de raça, gênero e classe que – numa perspectiva interseccional - conduzem e sustentam essa intencionalidade que tece um conjunto potente de práticas culturais contestatórias assentadas nos chãos do cotidiano. Mas, com que lentes estamos olhando para elas? As categorias com as quais temos trabalhado ao abordar dinâmicas como as que mencionamos aqui, conseguem dar conta do que estas práticas culturais movimentam, deslocam? Ante a profusão de iniciativas, e sobretudo o que elas vêm gerando nos entornos em que se realizam, não poderíamos talvez animar-nos a considerar que está esboçando-se nesses territórios algo que poderíamos chamar de uma *epistemologia das quebradas*?

As *quebradas* são territórios violentados física e simbolicamente, mas que apesar dos cacos e corpos tombados produzem cultura, vida, práticas de insubordinação. Não por acaso, iniciamos este escrito com breve referência a mocambos/quilombos do período colonial e, através deles, aos saberes

<sup>27</sup> Trecho do poema Na Mira, de Carlos Meneses, publicado no livro: *Poéticas Periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana*. Vitória da Conquista: Editora Galinha Pulando, 2018.

que ali se gestaram e à sua longa história de insurgências. Afinal, como apontam Schwarcz e Gomes, “os escravizados foram vítimas, sim, [mas] também trataram de fazer muito mais que “sobreviver”. Trouxeram, traduziram e modificaram culturas africanas, já em territórios tropicais.” (SCHWARCZ; GOMES, 2018, s/p) Ou seja, “sempre foi quebra de corrente”, reiteramos o verso de Emicida, citado mais acima.

Olhar para a potência da produção dos coletivos abordados aqui é um convite, portanto, para mudarmos as lentes, para olharmos os problemas estruturais das sociedades juntamente com essas juventudes que se organizam comunitariamente nestes outros centros a partir de iniciativas culturais. São jovens que pegaram para si o termo periferia e o assumiram, assim como tomaram para si a tarefa de contar a própria história (D’ANDREA, 2013).

O que vislumbramos como uma possível *epistemologia das quebradas*, portanto, assenta-se no reconhecimento de que o primeiro passo para construir outras intelectualidades – que precisam romper com as histórias únicas – é se

apropriar de si, da memória dos seus, das histórias e raízes arrancadas violentamente. Uma vez reconectados com essa memória que é viva, estes grupos, utilizando a arte e a comunicação como vetores - à medida que publicam, batalham, sambam, grafitam outras versões da história e mobilizam seus pares para que se somem a este processo - colocam-se na linha de frente da produção de intelectualidades comprometidas como enfrentamento a este apagamento sistemático.

Constroem, assim, outros centros que irradiam narrativas que tensionam os lugares estabelecidos e a forma “aceita” de saber válido, de voz autorizada, de produção de conhecimento, em suma. A memória, a linguagem e o corpo são os fios condutores desta teia de insubordinações. A memória é o nó que costura tudo. O uso político da palavra é ferramenta de luta e o corpo é território fértil de (re)existências.

Tal como aponta Erica Peçanha do Nascimento ao referir-se à visibilidade obtida pela produção literária das quebradas (e que podemos estender a parte expressiva das produções realizadas por coletivos

como os aqui abordados), temos hoje a possibilidade de

[...] rever os parâmetros críticos que determinam o que é boa ou má literatura, pois os escritores da periferia oferecem contribuições estéticas que não se encaixam nos cânones estabelecidos. Por enquanto, parece haver um reconhecimento mais político do que estético dessa produção, embora isto, por si só, estimule reflexões fundamentais, como o papel social das obras literárias, a universalização da escrita e da leitura, a necessidade da ampliação do número de leitores e o lugar dos grupos marginalizados na literatura brasileira. (NASCIMENTO, 2012, p. 22)

Trata-se, como se adverte, de uma dinâmica que tem trazido mais que fecundos subsídios para um exame mais acurado dos “parâmetros críticos”, das perspectivas metodológicas e teóricas a partir das quais se aproximar destes fenômenos. Poderá objetar-se que talvez seja prematuro falar de uma *epistemologia das quebradas*, pelo menos se o que se tem em mente é um esboço mais ou menos sistematizado de uma teoria do conhecimento. Mas uma compreensão aproximada do que vem se tecendo pelas quebradas demanda considerar as reconfigurações hoje em

curso no mundo – e, para os propósitos deste escrito, nesse mundo “*de los abajos*” de que tratamos aqui. Daí que para pensar em processos como os que discutimos neste trabalho, valha a pena ter em mente o que propõe um autor como Raul Zibechi que, amparado na noção de “heterogeneidade histórico-cultural” do peruano Anibal Quijano, propõe que mais que falar de “movimentos sociais”, caiba falar de “sociedades em movimento”:

[...] existem na América Latina muitos movimentos sociais, mas junto a eles, superpostos, entrelaçados e combinados de formas complexas, temos sociedades outras que se mobilizam não apenas para reclamar ou para fazer valer seus direitos ante o Estado, mas que constroem realidades distintas às hegemônicas (ancoradas em relações sociais heterogêneas frente à homogeneidade sistêmica) que incluem todos os aspectos da vida, desde a sobrevivência até a educação e a saúde (ZIBECHI, 2003, s/p).

E ocorre que essa construção de “realidades distintas às hegemônicas” se dá frequentemente a partir de lógicas e de modalidades heterogêneas, complexas, se dá a partir de “redes pequenas e flexíveis, com o mínimo necessário, que



escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p 16-21.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017

JESUS, Valdeck Almeida de [org]. *Poéticas Periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana*. 1 ed. Vitória da Conquista: Editora Galinha Pulando, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz In: BORGES, Juliana. *Encarceramento em massa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Produzir, publicar e difundir: a experiência dos escritores da periferia de São Paulo. In: FACINA, Adriana *et alli* (org.). *Poesia Favela in livro*. Rio de Janeiro: Encarte, 2012.

RUFINO, Luiz. In: LOPES, Adriana Cristina; FACINA, Adriana; SILVA, Daniel (orgs.). *Nó em Pingo D'água: sobrevivência, cultura e linguagem*. Rio de Janeiro: Mórula ; Florianópolis: Insular, 2019. p. 115-132.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *OSAL - Observatorio Social de América Latina*, Buenos Aires, CLACSO, año 6, n. 16, jun. 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em 25 jul. 2021.

SARAU DA ONÇA (org.). *O diferencial da favela: poesias e contos de quebrada*. Vitória da Conquista: Editora Galinha Pulando, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Daiane. População escrava do Brasil é detalhada em Censo de 1872.

<http://www.palmares.gov.br/?p=25817>

WERNECK, Jurema (org.). *Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Criola, 2010.

ZIBECHI, Raúl. Los movimientos sociales latinoamericanos: tendencias y desafíos. *OSAL - Observatorio Social de América Latina*, Buenos Aires, CLACSO, n. 9, ene. 2003). Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal9/zibechi.pdf>